

## PATRIMÔNIO

## “É uma vitória da memória da PB”

Por unanimidade, Iphaep aprova o tombamento da Fundação Casa de José Américo, em João Pessoa

Guilherme Cabral  
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

“É uma vitória da memória da Paraíba, e não especificamente da Fundação”. Assim o presidente da Fundação Casa de José Américo, Fernando Moura, considerou a aprovação, pela unanimidade dos membros presentes do Conselho de Proteção dos Bens Históricos Culturais (Conpec) do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba, em reunião realizada na última sexta-feira (8), do tombamento estadual do imóvel e bens móveis da residência onde morou o escritor José Américo de Almeida, atualmente transformada em Museu e que se localiza na cidade de João Pessoa. Ele informou que o Instituto deverá enviar o processo para a sanção do governador e posterior publicação no Diário Oficial do Estado. A diretora do Iphaep, Tânia Nóbrega, disse que vai consultar o setor e, como o parecer já foi dado, previu que o encaminhamento do documento para o chefe do Executivo deverá ser em breve.

Durante a reunião do Conpec, na sede do Iphaep, em João Pessoa, estiveram presentes representando a FCJA o presidente da Comissão de Tombamento, Rui Leitão, e o arquiteto da Fundação, Gilberto Guedes. “Não quis participar desse encontro para que todos ficassem à vontade para analisar o processo, que já tinha sido elaborado há alguns meses”, justificou Fernando Moura, que compareceu no ato da entrega ao Instituto, ocorrida no dia 2 de maio passado, da documentação contendo o levantamento para instauração do processo de tombamento estadual do imóvel e bens móveis, que integram o patrimônio cultural, em memória do escritor paraibano José Américo.

“Esse tombamento é mais um tijolinho colocado pelo



Foto: Roberto Guedes

Iphaep para a construção da necessária e permanente memória cultural da Paraíba. Estamos orgulhosos por causa dessa iniciativa porque a Fundação Casa de José Américo é uma instituição de relevância inquestionável e, com isso, a FCJA fica com uma blindagem, chancela institucional, e, além dessa proteção, representa um impulso para o futuro. Há pessoas que acham que o tombamento dá ideia de guardar coisas velhas, mas não é isso, pois é guardar a modernidade do pensamento, para que as futuras gerações saibam o que é a Fundação e quando se pensar em novos projetos mais específicos na FCJA, que não vai sofrer solução de continuidade, pois já se saberá que serão para ter durabilidade”, comentou Fernando Moura.

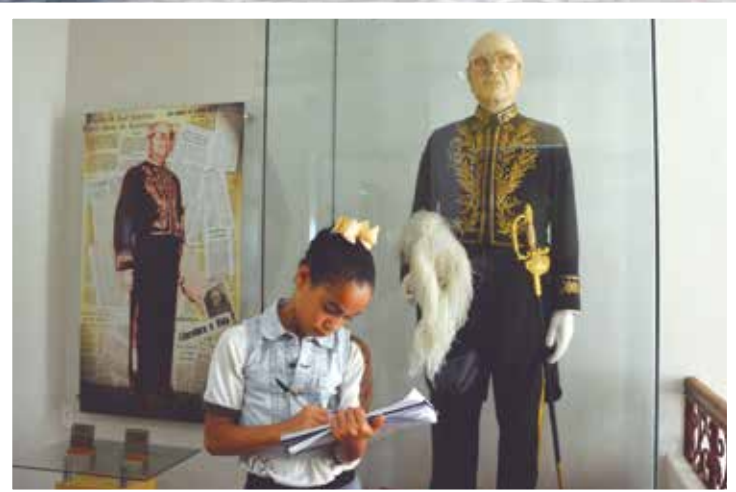


Foto: Edson Matos

No Cabo Branco, FCJA (foto maior) foi onde morou seu patrono, e regularmente recebe visitas escolares (E); o atual presidente é Fernando Moura (D)

No dia em que houve a aprovação do processo, Fernando Moura divulgou a seguinte mensagem: “Depois de 40 anos de trabalho e movimento, a Fundação Zé Américo atrai reconhecimento. O Iphaep aprovou e a chuva até parou pelo nosso tombamento. Agradeço, comovido, à comissão responsável, aos servidores da casa pelo empenho incansável. A todos(as) pertence a vitória. Fizemos hoje história de maneira formidável”. O gestor

afirmou que “o processo de tombamento permitirá a proteção do bem cultural, preservando-o sob a custódia do Estado para fins de pesquisa, além do legado deixado pelo imortal paraibano”.

No início do mês de maio, foi o presidente da FCJA, Fernando Moura, quem entregou para a diretora do Iphaep, Tânia Nóbrega, a documentação contendo o levantamento para instauração do processo de tombamento estadual do imóvel

e bens imóveis. Esse relatório contém todas as informações necessárias, que foram necessárias para uma avaliação técnica do Iphaep, além de fundamentos, registros históricos, acervo patrimonial existente, levantamento arquitetônico, plantas e fotos.

Na ocasião, a gestora do Instituto estava acompanhada do seu chefe de gabinete, Victor Pessoa. Após o encontro, a documentação passou a ser analisada pelo Con-

selho de Proteção dos Bens Históricos Culturais, que é formado por representantes de diversas entidades governamentais e da sociedade civil. Já a Comissão de Tombamento foi formada por Rui Leitão, Francisco Pereira da Silva Júnior, Gilberto de Almeida Ferreira Guedes, Thiago Vasconcelos Brito, Rejane Mayer Ventura, Janete Lins Rodriguez, Lúcia de Fátima Guerra Ferreira, Maria Helena Serrano Lins e Sônia Maria Gonzalez.

## ‘POR UM FIO’

## Trupe Arlequin apresenta espetáculo gratuito em Mamanguape

Foto: Bruno Vinelli/Divulgação



Diocélio Barbosa em criação cênica circense que envolve caráter documentário e autobiográfico

Contemplado pelo Prêmio Funarte de Estímulo ao Circo 2021, a Trupe Arlequin ganha a estrada para apresentar a sua mais nova obra em Mamanguape. O espetáculo *Por Um Fio* será apresentado gratuitamente hoje, no Parque e Bica do Sertãozinho, às 9h30 e 14h. No último domingo (dia 10), a atração foi apresentada no município de Mari.

A criação cênica circense de técnicas aéreas – que envolve caráter documentário e autobiográfico – foi concebida a partir da poética do *site-specific* pelo artista e pesquisador Diocélio Barbosa que também está em cena juntamente com a sua mãe, Maria da Penha Barbosa, que não é artista da cena, mas tem a arte de costurar. O processo foi desenvolvido durante uma residência artística que durou seis meses e contou com artistas renomados.

A escolha pelas cidades se deu pelo fato de o espetáculo tratar do trajeto autobiográfico e documentário do artista Diocélio Barbosa. Neste sentido, a intenção é de revisitar as raízes dos seus pais. O seu pai nasceu na cidade de Mamanguape e a sua mãe, que também está em cena, nasceu na cidade de Mari.

O projeto, além de proporcionar o aprimoramento técnico e artístico dos arlequins, oportuniza a Trupe voltar aos espaços cênicos e retornar o contato com o seu público. “Estamos certos que a proposta veio para potencializar o significado da cultura e a importância das suas características tangíveis e intangíveis nos campos locais, regionais e globais, seja no desenvolvimento sustentável assim como no que toca a questão da economia criativa circense teatral”, explicou Diocélio Barbosa.

A obra se apresenta como um convite para pisar na terra, colher memórias, cavar documentos, colher frutas e se pendurar em uma ação de trançar, tramar, costurar, alinhavar, tecer, coser, remendar, unir, juntar, ligar, fiar. A partir desses devaneios infinitivos de ações, *Por Um Fio* emerge por meio da prática do *site-specific* apoiado pelas memórias fragmentadas e por documentos (re)colhidos por Diocélio Barbosa ao longo do processo de arte-criação da obra autoral, desenvolvida no quintal onde o artista passou parte significativa de sua infância. O artista nos conduz para o universo da terra, aquela que carrega em suas asas mesmo quando alça voos longos, numa experiência cênica constituída por um entrecruzamento entre as linguagens artísticas do teatro, da dança, da performance e das artes visuais.